



Revista Científica e Periódicos  
@todos os direitos reservados à EBPF

## **Artigo Publicado para Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana - EBPF**

Disponível em: [www.ebpf.com.br](http://www.ebpf.com.br)

Estudos de Psicanálise | Limeira-SP | N. 19 | p. 07 | Junho/2025

**Palavras-Chave:** Comunicação, Família, Conflitos, Relacionamento, Escuta Ativa, Psicanálise.

**Aprovado pelo comitê de ensino-pesquisa em:** 07 de junho de 2025.

### **ENTREVISTA PARA RÁDIO GLOBO**

Dr. Richard Munhoz

*EBPF*

07 de Junho de 2025

#### **Quais são as habilidades de comunicação mais importantes para manter uma relação saudável dentro da família?**

À luz da psicanálise, a comunicação saudável dentro da família não se limita à troca de informações ou à fala direta, mas diz respeito à construção e sustentação de vínculos simbólicos, onde cada sujeito é reconhecido em sua alteridade e em seu desejo inconsciente. Uma das habilidades mais fundamentais nesse contexto é a capacidade de escuta verdadeira — não apenas auditiva, mas psíquica. Inspirada na escuta flutuante proposta por Freud, essa forma de escutar implica suspender o julgamento, não responder imediatamente, e estar disponível para acolher o que o outro diz — e também o que não consegue dizer. É uma escuta que reconhece o sujeito em sua complexidade, sem reduzi-lo ao papel funcional de “pai”, “mãe” ou “filho”.

Outra habilidade essencial é a capacidade de simbolização dos afetos. Muitas famílias falham em sua comunicação porque não conseguem nomear adequadamente suas emoções, o que gera acting-out, silêncios punitivos, agressividade ou manipulações inconscientes. Quando os afetos podem ser simbolizados — ou seja, traduzidos em palavras, imagens e narrativas — eles deixam de ser atuados e passam a ser elaborados.

Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana – EBPF

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP

CNPJ: 22.698.853/0001-81 | Site: [www.clinicaalphapsico.com.br](http://www.clinicaalphapsico.com.br) | Instagram: @clinicaalphapsico



Isso reduz a repetição compulsiva dos conflitos e promove a construção de uma linguagem emocional comum, onde a dor, a frustração e o amor têm lugar e nome.

Também é fundamental a habilidade de reconhecer os limites — o que, em termos psicanalíticos, chamamos de reconhecimento da castração. Nenhuma relação é total, nenhum sujeito é completo, e toda tentativa de fusão absoluta é tão patológica quanto o afastamento radical. Famílias saudáveis sabem que o outro não lhes pertence, que não se pode tudo, e que o desejo é sempre marcado por falta. Essa aceitação do limite torna possível respeitar o espaço psíquico de cada membro da família, favorecendo a autonomia e a individuação.

A comunicação autêntica, por sua vez, não deve ser confundida com a franqueza brutal. Falar o que se pensa sem considerar o desejo e a escuta do outro pode ser uma forma de violência. A psicanálise propõe uma ética do desejo: dizer aquilo que, mesmo sendo verdadeiro, é sustentado com cuidado, com elaboração e sem a intenção inconsciente de ferir ou punir. Por fim, é preciso também tolerar o silêncio. Nem tudo pode ser dito — e isso é estrutural. Famílias que respeitam o não-dito, que não forçam confissões ou exigem transparência total, criam um espaço simbólico onde o sujeito pode existir em sua própria opacidade.

Em suma, comunicar-se bem dentro da família não é apenas uma questão de linguagem funcional, mas um trabalho psíquico que envolve escuta empática, simbolização, reconhecimento da falta e ética do desejo. A palavra, nesse contexto, é ato: sustenta laços, reinscreve traumas e oferece ao outro um lugar onde ele possa existir como sujeito, e não apenas como função.

### **Qual é o papel da escuta ativa na resolução de conflitos familiares?**

Sob a ótica psicanalítica, o papel da escuta ativa na resolução de conflitos familiares é estrutural e transformador. Diferentemente de uma escuta meramente técnica ou comportamental — voltada para repetir o que o outro disse ou demonstrar atenção — a escuta, na psicanálise, é um **ato ético de reconhecimento do inconsciente do outro**. Ela implica abrir espaço simbólico para que o sujeito fale não apenas com palavras, mas com lapsos, silêncios, contradições e afetos.



Quando há um conflito familiar, geralmente o que está em jogo **não é o conteúdo explícito da fala**, mas a carga psíquica que ela carrega: desejos recalcados, repetições inconscientes, posições fixas herdadas de dinâmicas transgeracionais. A escuta ativa, nesse contexto, funciona como uma espécie de “holding simbólico”, à maneira de Winnicott — um ambiente continente onde a dor pode ser expressa sem julgamento, o mal-entendido pode ser elaborado, e o sujeito pode se sentir ouvido em sua verdade mais profunda.

Além disso, essa escuta ativa exige **a suspensão do narcisismo**: ao invés de reagir defensivamente ou responder com contra-acusações, o ouvinte se coloca na posição de quem escuta para compreender, não para vencer uma disputa. Isso interrompe o circuito de repetição do sintoma familiar — aquele em que todos ocupam papéis fixos, como o culpado, a vítima, o salvador — e permite a circulação da palavra e do desejo.

Portanto, a escuta ativa, do ponto de vista psicanalítico, **não busca apaziguar o conflito pela via da conciliação superficial**, mas permitir que o conflito fale, que os afetos sejam simbolizados e que os sujeitos possam se reposicionar subjetivamente. Escutar verdadeiramente é criar espaço para o novo, onde antes havia apenas repetição.

### **Como podemos identificar os sinais de um conflito iminente e tomar medidas para preveni-lo?**

Sob a ótica psicanalítica, identificar os sinais de um conflito iminente em contextos familiares exige uma escuta atenta não apenas ao discurso explícito, mas aos **indícios do inconsciente que se manifestam nas entrelinhas**: silêncios carregados, mudanças de humor, irritabilidade desproporcional, esquecimentos frequentes, ironias ou brincadeiras que escondem críticas. São expressões indiretas de tensões psíquicas que, se não forem simbolizadas, tendem a explodir em forma de acting-out.

Na clínica, aprendemos que o conflito não surge de repente — ele é o ponto visível de um processo subterrâneo de recalques, rivalidades não elaboradas, desejos não ditos e frustrações acumuladas. O sujeito pode até parecer “funcional” na superfície, mas já apresenta sinais de que algo está em ebulição interna: repetições de padrões de fala, dificuldade de escuta, sintomas físicos (como insônia, dores, crises de ansiedade) ou comportamentos defensivos, como se estivesse sempre "se armando" contra o outro.



Para preveni-lo, é preciso antes de tudo **dar lugar à palavra antes que o sintoma fale pelo corpo ou pela agressividade**. Isso exige a criação de espaços simbólicos dentro da família — momentos em que se possa falar sem ser interrompido, escutar sem julgar, e permitir que os afetos circulem. A prevenção do conflito, portanto, **não passa por evitar o desconforto**, mas por encará-lo com maturidade psíquica: nomear o que se sente, reconhecer as próprias projeções e escutar o outro como sujeito, e não como inimigo ou extensão do próprio ego.

Assim, à luz da psicanálise, o verdadeiro trabalho de prevenção é **um trabalho de simbolização contínua**, de construção de laços que suportam o mal-estar inevitável da convivência, transformando-o em diálogo e elaboração — e não em repetição cega ou destrutiva.

### **O bom diálogo em família pode contribuir para o desenvolvimento pessoal?**

Sim, à luz da psicanálise, o bom diálogo em família é mais do que uma troca de palavras: é **um espaço simbólico estruturante** que pode contribuir profundamente para o desenvolvimento pessoal de cada sujeito. O diálogo, quando verdadeiramente escutado e sustentado, permite que o sujeito se reconheça e seja reconhecido como portador de um desejo próprio — distinto do desejo dos pais ou dos papéis familiares impostos.

No ambiente familiar, onde o sujeito é originalmente introduzido ao campo da linguagem e do desejo, o diálogo saudável funciona como **um espelho simbólico** — não no sentido narcísico de ver-se idealizado, mas no sentido de ter sua fala acolhida e simbolizada pelo outro. Isso ajuda a fortalecer o ego, desenvolver a capacidade de mentalização e elaborar conflitos internos. Quando a fala encontra escuta, e não julgamento, o sujeito pode sair do lugar da repetição e entrar no campo da elaboração psíquica.

Além disso, o diálogo em família, quando sustentado de forma ética, ajuda na **construção dos limites, na aceitação da castração e na inscrição do sujeito na cadeia significante**. Ou seja, favorece a separação simbólica necessária para o processo de individuação — o que em termos winnicottianos corresponde à transição de um estado de dependência absoluta para uma autonomia possível e saudável.

Portanto, sim: o bom diálogo familiar contribui diretamente para o desenvolvimento psíquico, pois **oferece um lugar de fala, escuta e simbolização do desejo**, permitindo que o sujeito se constitua para além das idealizações e expectativas projetadas sobre ele. Em outras palavras: quando a palavra circula, o sujeito se constrói.



### **De que maneira equilibrar a necessidade de expressar os próprios sentimentos com a necessidade de manter a harmonia no lar?**

Na perspectiva psicanalítica, equilibrar a necessidade de expressar os próprios sentimentos com a preservação da harmonia no lar é uma tarefa que exige **elaboração psíquica, simbolização do afeto e reconhecimento da alteridade**. Em outras palavras, não se trata de escolher entre "falar tudo" ou "calar tudo", mas de **encontrar uma forma de dizer que não destrua o vínculo, nem silencie o sujeito**.

Freud já apontava que aquilo que é recalado retorna de forma sintomática — seja no corpo, nos lapsos ou nos conflitos explosivos. Ou seja, **calar excessivamente em nome da harmonia pode gerar sintomas**, agressividades passivas, distanciamento emocional ou acting-outs. Por outro lado, expressar sentimentos de maneira bruta, sem filtro, pode revelar um sujeito dominado pelo princípio do prazer, que desconsidera o impacto simbólico da própria fala no outro.

O ponto de equilíbrio, então, está na **capacidade de simbolizar**: transformar os afetos brutos em palavras pensadas, **passadas pelo crivo do Eu e da ética do desejo**. Isso exige tempo psíquico, introspecção e, muitas vezes, o reconhecimento de que o que se quer dizer carrega mais do que apenas o conteúdo racional — há desejos, mágoas infantis, transferências inconscientes.

Manter a harmonia no lar, portanto, não deve significar silenciar-se, mas **falar com responsabilidade afetiva**, sem apagar o desejo nem ferir gratuitamente o outro. Trata-se de sustentar a tensão entre o que se sente e o que se pode simbolizar. E isso só é possível quando há espaço para escuta, para pausas e para um vínculo que suporte a frustração.

Em suma, à luz da psicanálise, esse equilíbrio não se conquista com fórmulas de comunicação “assertiva”, mas sim com um **trabalho interno de elaboração dos afetos, reconhecimento do inconsciente e construção de um espaço simbólico** onde falar e escutar sejam atos de cuidado e não de ataque. A verdadeira harmonia não é ausência de conflito, mas a capacidade de suportar a diferença sem desintegração.

### **As experiências de situações anteriores podem influenciar a comunicação e a resolução de conflitos dentro da família?**

Sim, à luz da psicanálise, as experiências anteriores — especialmente as infantis e afetivamente marcantes — influenciam profundamente a forma como um sujeito se comunica e



lida com os conflitos dentro da família. Isso ocorre porque **a subjetividade é estruturada a partir das vivências primárias com figuras significativas**, e essas experiências deixam marcas inconscientes que se atualizam nas relações presentes, sobretudo nas mais íntimas.

Pessoas que passaram por situações de humilhação, abandono, negligência ou frustração profunda tendem a desenvolver **mecanismos de defesa inconscientes** que se manifestam justamente no campo da comunicação. Algumas podem evitar confrontos a qualquer custo, como forma de proteger-se de uma dor passada, recorrendo ao silêncio, à submissão ou ao retraimento. Outras podem reagir de forma exagerada, agressiva ou desconfiada, porque seu aparelho psíquico aprendeu a associar o afeto com ameaça ou rejeição. Nesse caso, o conflito atual é vivido como uma repetição — **uma “cena reeditada” de traumas anteriores**, como coloca Freud em sua teoria da compulsão à repetição.

Por outro lado, pessoas que viveram experiências afetivamente seguras — onde foram escutadas, acolhidas em suas falhas e frustradas de forma tolerável — tendem a apresentar uma comunicação mais simbólica, menos reativa e mais aberta ao diálogo. Isso não significa ausência de conflitos, mas **uma maior capacidade de elaborar, simbolizar e sustentar a diferença** sem colapsar o vínculo.

Importante ressaltar que essas experiências, sejam traumáticas ou construtivas, **não determinam o sujeito de forma absoluta**, mas influenciam seus padrões inconscientes de relação. É por isso que, muitas vezes, vemos adultos replicando — sem perceber — os mesmos modos de falar, brigar ou se calar que vivenciaram na infância. A boa notícia é que esses padrões podem ser transformados. O trabalho psicanalítico, por exemplo, permite ao sujeito reconhecer essas repetições e **atribuir-lhes sentido**, criando novas possibilidades de comunicação e relação com o outro.

Assim, a história de cada um — com suas dores e encantamentos — **mora nas entrelinhas das falas, nos silêncios, nos gestos e até nas brigas familiares**. O que se vivenciou ontem, mesmo que esquecido, continua operando hoje. E é justamente nesse ponto que a escuta psicanalítica atua: **não para apagar o passado, mas para dar a ele um novo lugar na narrativa do sujeito**.



Revista Científica e Periódicos  
@todos os direitos reservados à EBPF

**SOBRE O AUTOR:**

**Dr. Richard Munhoz**

Dr. Richard Munhoz é Psicanalista Clínico, Infantil e Didata, Especialista em Análise e Interpretação dos Desenhos, Psicopedagogo, Neuropsicopedagogo, Mestre e Doutor em Ciências Médicas – Neuropsicopatologia e Neuropediatria. Autor do livro “Análise e Interpretação dos Desenhos – Utilização dos Testes Projetivos nas Clínicas Psicanalítica e Psicopedagógica” (Wak Editora). CEO nas empresas: Núcleo de Estudos e Desenvolvimento – NED e Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana – EBPF da qual exerce também a função de Diretor e Professor. Atende como Psicanalítica e outras formações na Clínica Alpha – Centro Psicoterapêutico na cidade de Limeira e Americana.

**ENDEREÇO POR CORRESPONDÊNCIA:**

Rua: Tatuibi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP  
Cep: 13.484-050

E-mail: [ebpf.ned@gmail.com](mailto:ebpf.ned@gmail.com)

Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana – EBPF  
Rua: Tatuibi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP

CNPJ: 22.698.853/0001-81 | Site: [www.clinicaalphapsico.com.br](http://www.clinicaalphapsico.com.br) | Instagram: @clinicaalphapsico